

Espera pelo Pôr do Sol

*Para Henrique,
Que sempre me mostra como usar a imaginação,
E me encoraja com as idéias mais loucas...*

*“Cada Pôr do Sol é o nascer de uma
nova experiência.”*

Debbie Willians

Um viciado em morfina, música e literatura. Seria dessa forma que eu o descreveria agora. Há quem diga que tudo piorou no momento exato em que ele me viu partir, mas eu o conheço bem demais para acreditar em algo tão simplório. Não foi a morte que o transformou, muito menos a vida. Foram apenas as consequências de um destino maluco.

Não foi a doença que ele tentou negar várias vezes, nem a espera da suposta cura que jamais viria. Particularmente, eu acho que o que os médicos diziam estar errado nele, era apenas parte de sua

personalidade. Eu gostaria de estar presente quando seus próprios pensamentos ficaram mais fortes do que ele pôde controlar, e quem sabe ajudá-lo em seus dias mais escuros.

Ele riria se me ouvisse nesse momento. Riria, e mencionaria a expressão que um de seus autores preferidos adorava repetir. “A noite escura”. Uma risada irônica, muitas vezes forçada. Diria, pretendendo mostrar indiferença, “Isso não é apenas uma parte da minha personalidade, esse sou eu. Tem que aprender a conviver com isso”. Ele mesmo ainda não tinha aprendido.

Sua terrível mania de se vitimizar. Nós dois sabíamos que ele já não era tão inocente assim, e por mais que insistisse, tinha deixado de ser o garotinho assustado que rezava pelo primeiro raio de sol.

Imagino com riqueza de detalhes o que me descreveu numa noite qualquer, quando parecia

estar entrando em pânico de novo. O quarto parcialmente escuro, o menino que esperava sentado na cama, agarrando o travesseiro. Ele fechava os olhos e movia os lábios numa oração muda. O homem abriria a porta, e ele veria a luz amarelada do corredor entrar no quarto, suave e silenciosamente. Apertaria os olhos com mais força, e faria uma prece aliviada quando a manhã viesse pela sua janela. Haveria superado mais uma noite, estaria superando mais um dia.

Martelava a idéia de que as horas não passavam durante o dia. Superava mais uma manhã na escola. Mais uma tarde. E então imaginava que as horas passavam rápido demais, e ele haveria de voltar pra casa de novo. Era noite outra vez.

Quando penso nisso, acho estranho que ninguém tenha perguntado o que eu fiz para curá-lo. Ainda bem, porque eu não gostaria de ter que

responder *Não fiz absolutamente nada*. Gosto de imaginar que foi o amor que o fez.

Da mesma forma que o amor constrói, ele destrói. Posso estar enganada, mas acho que fomos ingênuos demais simplificando tanto a vida. Ele abandonou o sofrimento essencial para sua existência, e eu minhas ideologias. Talvez tenha sido por isso que tudo terminou assim. A vida não gosta de ser desafiada.

Provei ser verdade esse negócio de amor á primeira vista. Reconheci nele a salvação da minha vida chata e sem surpresas, no momento exato que nossos olhos se encontraram pela primeira vez. Eu, de um lado de jardim, segurando uma taça. Ele, sentado no banco de madeira branca.

Respirei fundo antes de tomar a decisão de me aproximar. Ele me ofereceu um sorriso quase

psicótico, que estranhamente me encorajou a sentar do seu lado.

– Por que está aqui, longe de todo mundo? – Perguntei.

Eu não disse meu nome, e ele tão pouco se apresentou. Era como se fôssemos amigos há anos, a conversa soaria natural para quem passasse e por acaso nos ouvisse. Ninguém podia ver meu coração batendo forte, numa expectativa que nem eu mesma entendia. Ele parecia muito relaxado, não parava de olhar para mim por nem um segundo.

– Não gosto de multidões.

Não havia multidão alguma.

Era a festa de casamento de uma ex colega de faculdade. Havia anos que eu não a via, por isso achei legal ter vindo á festa. Mas sempre odiei gente rica e seus costumes. O lugar bonito e com tantos tipos diferentes de comidas já começava a me entediar. Tenho certeza de que ele sentia o mesmo.

– Conhece Maggie? – Perguntei, em busca de um assunto para começar.

Ele balançou a cabeça em negativa.

– Sou amigo de um amigo do noivo dela. Nem conheço ninguém aqui.

– Então é por isso que se isolou.

– Pode me fazer companhia se quiser.

Eu dei risada.

– Vai ser uma honra.

– Então, menina bonita... – Ele tentou também. Vários garçons passavam por nós. Como ele não aceitava nada do que era oferecido, eu também nada peguei. Embora estivesse louca para tomar um drinque. – O que você faz?

– Tenho uma lojinha de flores aqui por perto. Estudava Medicina, mas decidi parar.

– Trocou a Medicina pela natureza? Isso me parece uma decisão sensata.

– A mais sensata que já tive em toda minha vida. –
Acompanhei o seu novo sorriso. – Nunca acreditei na
Medicina.

– Deve-se *acreditar* na Medicina? Se eu tenho dor, tomo
um remédio. Não preciso acreditar em nada.

– Meu avô era médico; Meu pai e meus irmãos
também. Acharam que esse era o caminho para mim,
mas dessecar defuntos não era bem o que eu queria
para minha vida. E não posso imaginar que drogas
fabricadas por mãos humanas possam curar alguém.
Tanto aquilo que nos cura quanto aquilo que nos deixa
doentes vêm de dentro, nunca de fora.

– Desculpa, moça, mas tenho que discordar. Todos os
meus sentimentos, quero dizer *todos mesmo*, foram
causados por fatores externos. Já ouviu falar que o
inferno é os outros?

– Mas isso só se você se deixa levar. Gosto de pensar
que sou forte demais para deixar que os outros

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

